

COMO A MÍDIA IMPRESSA DO DISTRITO FEDERAL DIVULGA FATOS RELACIONADOS AO CLIMA E AO TEMPO NA ÉPOCA DA ESTIAGEM

Ercília Torres STEINKE¹

Carlos Hiroo SAITO²

Giselle de Souza ANDRADE³

Leni GASPAR⁴

Resumo

Este texto visa a analisar a forma como a mídia impressa do Distrito Federal transmite informações relacionadas ao clima, ao tempo e ao comportamento destes na época da seca. Para isso, edições de dois jornais diários, de 1997 a 2004, foram analisadas considerando-se as matérias vinculadas ao tema seca e avaliando-se os aspectos conceituais relacionados à transmissão da notícia. O resultado demonstrou que a contribuição da mídia impressa não tem sido de todo positiva, uma vez que há insistência em veicular matérias contendo confusão conceitual. É necessário que os problemas sejam sanados, pois a mídia impressa exerce papel importante na formação do público, principalmente, dos estudantes, na medida em que possibilita levantamento de fatos históricos os quais – atrelados a indicadores meteorológicos, registros da Defesa Civil e do Corpo de Bombeiros – se configuram como importantes geradores de informações passíveis de serem utilizadas para a compreensão do clima como fenômeno geográfico.

Palavras-chave: mídia impressa; clima; tempo; Distrito Federal.

Abstract

How the press of federal district of Brazil notices information related to the climate and weather during the dry period

This text aims to analyze the way the press of Federal District of Brazil notices information related to the climate, weather and its pattern during the dry period. Editions of two daily newspapers, from 1997 to 2004, were analyzed whenever there were subjects regarding dry-period climate and weather. We evaluated conceptual aspects of the transmission of the news. The results demonstrated that the press has not been always positive, mainly because of the misinformation in the concepts linked to climate and weather. It is very important to solve this problem since the press plays an important role in the formation of the public opinion, mainly of students, because it makes possible historical fact findings, which can be related to meteorological data and Civil Defense and Firemen's registers, configuring important source of information that can be used for the understanding of the climate as a geographic phenomenon.

Key-words: press; climate; weather; Federal District.

¹ Professora Doutora do Departamento de Geografia da Universidade de Brasília. Laboratório de Climatologia Geográfica – LCGea. Campus Universitário Darcy Ribeiro, ICC Norte, subsolo, mod. 23, Brasília (DF). ercilia@unb.br

² Professor Doutor do Departamento de Ecologia da Universidade de Brasília. Campus Universitário Darcy Ribeiro, ICC Centro, subsolo, mod. 12, Brasília (DF). saito@unb.br

³ Formanda do curso de Graduação em Geografia/UnB. Laboratório de Climatologia Geográfica – LCGea. Campus Universitário Darcy Ribeiro, ICC Norte, subsolo, mod. 23, Brasília (DF).

⁴ Estudante de Graduação do curso de Geografia UnB. Laboratório de Climatologia Geográfica – LCGea. Campus Universitário Darcy Ribeiro, ICC Norte, subsolo, mod. 23, Brasília (DF). lenigaspar@gmail.com

INTRODUÇÃO

O clima Distrito Federal é caracterizado por duas estações: uma quente e chuvosa, que ocorre de outubro a abril e outra seca com temperaturas amenas, de maio a setembro. Durante este período de estiagem, a população é acometida de muitos incômodos relacionados aos efeitos da diminuição da umidade relativa do ar.

Amorim (2005, p.6) resume o sentimento da população do Distrito Federal em relação ao clima da Região com a seguinte frase: "Há só duas estações nesta terra altiplana. Ou a umidade relativa do ar cai a níveis sufocantes ou o frio vem acompanhado de longos dias de chuva". Todavia, o período de estiagem sempre foi motivo de preocupação para a população, muito mais que o período das chuvas, devido aos inúmeros problemas de saúde que são desencadeados nesta época – em função da queda natural dos índices de umidade relativa do ar – e aos incômodos vinculados aos efeitos fisiológicos da seca.

Durante o período da seca, os jornais da cidade divulgam, em matérias específicas sobre o tema, informações relacionadas ao clima e ao comportamento do TEMPO. Algumas dessas matérias apresentam-se bastante esclarecedoras com relação aos cuidados que a população deve tomar para evitar, ou mesmo controlar, os problemas de saúde advindos da seca. Outras, entretanto, fornecem informações incorretas, principalmente sobre dois aspectos: conceituação dos termos clima e tempo e tipo de clima predominante no Distrito Federal.

Cabe, ao jornalista, alertar a sociedade para a gravidade de uma situação de seca, sem cometer o "pecado" do sensacionalismo e sem explorar de modo irresponsável as previsões de tempo e os dados climáticos obtidos. Deve, também, estar atento para evitar as simplificações e generalizações, que trabalham em favor da forma e em prejuízo do conteúdo da matéria.

Sousa e Silveira (2001, p.1) salientam que o sensacionalismo e o excesso de simplificações de determinadas reportagens provêm da relação conturbada existente entre mídia e ciência. Para estes autores, existe uma tensão explícita entre jornalistas e pesquisadores, a qual se reflete em apreensão pela comunidade científica que tem produção divulgada, argumentando que os jornalistas não sabem escrever sobre ciência. Para Burkett (1990, p.75), os fatores que levam o texto jornalístico a se afastar da intenção do pesquisador são a simplificação, realizada na transformação para a linguagem jornalística, e o conseqüente abandono do jargão científico. Trachtman (1997) *apud* Sousa e Silveira (2001, p.2) acrescenta, ainda, que a divulgação de notícias descontextualizadas pode levar o público a fazer deduções indevidas e inadequadas sobre o assunto tratado.

Trigueiro (2003, p.82), a respeito do relacionamento existente entre mídia e ciência, ressalta que:

[...] seja esta a razão pela qual alguns cientistas tenham tanto desprezo pela mídia, sem contar que evitam deliberadamente contato com a imprensa. Teme-se que a falta de informações do jornalista em relação ao assunto comprometa o rendimento da entrevista e o subseqüente entendimento do público (TRIGUEIRO, 2003, p.82).

Ainda de acordo com este autor, os jornalistas brasileiros que se interessam por temas relacionados ao meio ambiente buscam especialização, geralmente, por conta própria e, muitas vezes, sem o apoio da empresa a que estão vinculados. Esta é uma área do conhecimento com poucos cursos, literatura e eventos que capacitem e estimulem o profissional de imprensa a realizar trabalho mais consistente. Nas

próprias redações, o meio ambiente não tem *status* de editoria. Os setoristas – como são chamados os jornalistas que cobrem áreas específicas de meio ambiente – conforme Trigueiro (2003, p.83), costumam ser informalmente delegados para essa função por motivos circunstanciais. Talvez por isso observa-se que, muitas vezes, são divulgadas notícias contendo informações com erros de caráter conceitual.

Apesar dos problemas discutidos, a mídia impressa ainda é o meio mais eficiente de popularização da ciência (SOUSA; SILVEIRA, 2001, p.2). Além de atingir pessoas de diferentes níveis socioculturais, possibilita, às pessoas com um mínimo de formação, o acesso à informação científica. Com relação ao tema clima e à utilidade das informações provenientes de jornais, Souza e Sant'Anna Neto (2004, p.2) destacam que as fontes jornalísticas possuem a vantagem de serem grandes geradoras de dados qualitativos, pois, do ponto de vista meteorológico, o cotidiano não pode ser representado. Os jornais, ao contrário, preocupam-se em relatar o cotidiano com fotos e textos. Contudo, é necessário que estas informações não possuam erros para que o público seja corretamente esclarecido sobre a situação em questão e para que essas possam ser utilizadas em pesquisas, pois se constituem em valiosas fontes para a análise do clima como fato geográfico.

Nesse contexto, a presente pesquisa analisa a forma como a mídia impressa do Distrito Federal veicula informações relacionadas ao clima, ao tempo e ao comportamento deles na época da seca.

PROCEDIMENTOS ADOTADOS

O corpo do trabalho foi formado pelas edições de dois jornais diários do Distrito Federal, no segmento temporal de 1997 a 2004. Foram coletadas, tabuladas e selecionadas notícias de jornal, que formaram a base para a discussão sobre a forma como a mídia impressa transmite informações referentes ao clima e ao tempo.

Para a seleção, consideraram-se os seguintes critérios: os jornais deveriam ser de circulação diária, editados no Distrito Federal e formadores de opinião pública em nível regional. Escolheram-se o **Correio Braziliense** e o **Jornal de Brasília** pelo fato de serem os jornais de maior tiragem na Região. A análise recaiu sobre as matérias que relatavam fatos vinculados ao tema seca, avaliando-se três critérios relacionados à transmissão da notícia, são eles: erros conceituais, simplificações e lacunas de informação.

Os procedimentos principais foram adaptados do trabalho de Souza e Sant'Anna Neto (2004, p.3) e consistiram na elaboração de um arquivo para cada jornal, contendo uma planilha individual (para cada notícia publicada) com as seguintes informações: a) identificação da manchete, data da publicação e localização no jornal; b) tipo de problema identificado, subdividido em erro conceitual, simplificação e lacuna de informação.

O trabalho foi realizado conforme as possibilidades oferecidas pelo método comparativo. Cada jornal foi analisado isoladamente; em seguida, foram comparados entre si. A identificação das matérias seguiu a metodologia proposta por Sousa e Silveira (2001, p.2).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Como foi ressaltado por Steinke e Steinke (2000, p.244), durante o inverno, no Distrito Federal, os jornais de grande circulação noticiam, quase todos os dias, o agravamento gradual da seca que atinge a Região. Vegetação ressecada, poeira, névoa seca e baixa umidade relativa do ar compõem o quadro que se repete todos os anos. A maioria da população – que tanto sofre com os efeitos da seca – questiona o porquê de tal situação incômoda, e a explicação para esta reside nos sistemas produtores de tempo atuantes na Região nesta época do ano.

À mídia impressa, cumpre relatar os fatos relacionados à seca, alertar a população sobre seus efeitos e, mesmo que de forma simples, explicar por que e como ocorrem esses efeitos; isso traria maior esclarecimento para a população.

O resultado da análise das reportagens selecionadas demonstrou que a contribuição da mídia impressa para o esclarecimento da população em relação a alguns aspectos relacionados ao tempo e ao clima do Distrito Federal durante o período seco não tem sido de todo positiva, uma vez que há insistência em veicular matérias contendo conceitos incorretos ou que induzem ao erro. Das 71 reportagens analisadas – cujas datas e manchetes encontram-se listadas na tabela 1 – cerca de 30% apresentam confusão conceitual com relação aos termos clima e tempo e/ou atribuem, incorretamente, ao clima do Distrito Federal, características de climas áridos ou de deserto como, por exemplo:

A umidade às 13 h do domingo caiu para 18% – o menor índice já registrado foi de 11% no dia 15 de setembro de 1994. **Umidade próxima a do deserto do Saara** [grifo nosso], que nas piores horas chega a 10%. (BONVAKIADES, 1997, p.1).

Apesar de receiar [sic] as conseqüências do **clima desértico** [grifo nosso], o atleta Klesst Roberto não dispensou sua corrida diária no parque. (BAUMGRATZ, 1998, p.1)

No deserto nosso de cada dia, ontem foi o dia mais seco do ano. Exatos 12% de umidade por volta das 16 h, registrou o INMET. **Algo parecido com a aridez do deserto africano do Saara**. [grifo nosso] (LIMA, 1999, p.3).

Quem tem a oportunidade de escolher o que fazer durante o dia pode enfrentar melhor este **clima seco**. [grifo nosso] (JORNAL DE BRASÍLIA, 2004, p.8).

Afirmações como essas são assimiladas pela maioria dos leitores como verdadeiras, tornando muito comum, entre a população, comentários sobre o clima *desagradável* que ocorre no Distrito Federal, referindo-se ao tempo *seco* que predomina de maio a setembro. Acredita-se que isso ocorre porque a maioria da população possui certa dificuldade em diferenciar os termos clima e tempo. O próprio jornal, que poderia ser o veículo por meio do qual o público pudesse adquirir informações necessárias para fazer esta diferenciação, utiliza, muitas vezes, os dois termos como sinônimos.

**Tabela 1 - Relação das reportagens
analisadas de 1997 a 2004**

CORREIO BRAZILIENSE			JORNAL DE BRASÍLIA		
Nº	DATA	MANCHETE	Nº	DATA	MANCHETE
1	08/07/97	De cabeça quente	37	27/09/03	Umidade do ar chega a 11%
2	16/07/98	Brasília, 12%	38	28/09/03	Chuva alivia a secura e o calor
3	26/0898	Ao pó voltamos	39	29/09/03	INMET diz que vem mais calor
4	08/06/99	Como suportar a estiagem	40	22/11/03	Ondas de calor em outubro
5	19/06/99	De rachar os lábios	41	04/07/04	Umidade é a mais baixa do ano
6	01/07/99	É época de criança beber muita água	42	28/09/04	Vidas secas
7	01/09/99	Pior que isso só no Saara	43	04/08/97	Água contra a baixa umidade
8	02/09/99	Vidas secas	44	10/09/97	Chuva chega após 85 dias
9	02/09/99	Uns sofrem, outros nem tanto	45	24/08/98	Fogo no Jardim Botânico
10	02/09/99	Nem sabe se sente. Pra quê?	46	25/08/98	Aula diferente em época de seca
11	02/09/99	A cidade não é o fim do mundo	47	16/09/98	O dia mais seco do ano
12	02/09/99	Ares vermelhos do cotidiano	48	18/05/99	Frio será maior, avisa INMET
13	23/11/99	Deu a louca no tempo	49	05/06/99	Apesar de fraca, chuva surpreende
14	06/05/00	A UR é mais baixa a cada seca	50	31/08/99	Mais calor e secura no DF
15	06/05/00	Tempo seco	51	16/05/00	Tormento da seca e do pó
16	09/05/00	Esta seca promete ser colorida	52	03/06/00	Pior seca dos últimos 25 anos
17	11/07/00	Brasília abaixo de dez graus	53	23/10/00	Chuvisco pode aumentar o calor
18	01/08/00	Fique em forma com a seca	54	28/08/00	Chuva, só em novembro
19	29/07/00	Ar de Brasília, seco como Saara	55	12/09/00	Sol e calor nas previsões
20	30/08/00	Chuva fora de época alegre e transtorna	56	20/03/01	A maior estiagem em 20 anos
21	21/10/00	O dia mais quente do brasileiro	57	22/05/02	A chegada do frio no DF
22	09/08/02	Prontidão contra a seca	58	10/08/02	Alerta contra incêndios
23	18/08/02	Vidas secas	59	08/05/03	Umidade deve ficar em 30 %
24	28/08/02	Granizo na tarde seca	60	16/05/03	Chuvas atrasam período de seca
25	03/05/03	Seca chega mais cedo a Brasília	61	23/05/03	Temperatura volta a cair
26	27/05/03	Brasília com ares londrinos	62	27/05/03	Nevoeiro e frio: Brasília com ar londrino
27	15/06/03	O fogo da seca	63	30/05/03	Mais um fim de semana frio
28	26/06/03	Aqui faz mais frio	64	01/07/03	Mais dez dias frios e secos
29	27/06/03	Sem sombra nem água fresca	65	02/07/03	Degradação ambiental piora clima
30	04/07/03	Quase um deserto	66	13/08/04	O dia mais seco do ano
31	09/07/03	A roupa certa para cada estação	67	25/08/04	O dia mais seco do ano
32	15/07/03	Ventos fazem frio aumentar	68	30/08/04	Sol e chuvisco no domingo
33	14/08/03	Tempo seco dá trégua	69	05/04/04	Umidade cai para 10% dia mais seco
34	27/08/03	Chuva piora trânsito	70	25/09/04	32,4°C: maior registro deste ano
35	25/09/03	Calor e secura recordes	71	29/09/04	Secura de 12% para hoje
36	26/09/03	Calor e apagão na asa sul			

Organização: Ercília Torres Steinke

O tempo meteorológico, segundo Vianello e Alves (1991, p.378), é variável e constitui-se da soma total das condições atmosféricas de um dado local, em um determinado tempo cronológico. O clima é uma integração das condições do tempo para certo período, em determinada área. Para se descrever o clima de uma região é necessário analisar informações do tempo durante um longo período, no mínimo 30 anos. Assim, tempo e clima estão relacionados, mas não são, de forma alguma, sinônimos.

O clima do Distrito Federal, na classificação de Strahler (AYOADE, 1988, p.228), enquadra-se na categoria Tropical Alternadamente Úmido e Seco, isto é, apresenta um período em que predomina tempo seco e em outro, tempo chuvoso. O total de precipitação anual, neste tipo de clima, varia em torno de 1.500 mm (DNMET, 1992, p.54), embora concentrado nos meses de outubro a abril. Sendo assim, é inadequado afirmar que o clima do Distrito Federal é seco ou mesmo árido e, mais inadequado ainda, seria comparar as condições meteorológicas da Região com as de um deserto.

Em matéria publicada no dia 18 de agosto de 2002, Faria (2002, p.7) apresenta um quadro intitulado *Dicionário do Tempo*, no qual foram conceituados corretamente os termos tempo e clima. Porém, na mesma página, mas em outra parte da matéria, a diferença existente entre os dois termos foi desconsiderada, quando se afirma que "depois de apelar para tratamento médico com um alergista, ela já consegue vencer alguns rounds na briga contra o **clima seco** [grifo nosso] da cidade". Na realidade, o fato refere-se ao tempo seco predominante nesta época do ano. Percebe-se que, mais uma vez, o termo clima foi utilizado, incorretamente, como sinônimo de tempo.

Felizmente, entre as reportagens analisadas algumas podem ser consideradas capazes de informar corretamente a população sobre as características climáticas do Distrito Federal. Pode-se citar, como exemplo, a reportagem publicada no dia 2 de setembro de 1999, na qual Mendes e Braga (1999, p.3) explicam, ao leitor, que a comparação da Região com desertos é inadequada. O texto é bastante explicativo, como pode ser observado nos seguintes trechos:

Todo ano, quando chega a seca no Distrito Federal, sobram comparações entre o clima da capital brasileira e os desertos do mundo. Na verdade, trata-se de exagero. Diante das condições climáticas do Saara, na África e do Atacama, no Chile, o tempo que racha os lábios dos brasileiros é refresco. [...] Em Brasília, registra-se 1552,1 mm de chuva por ano. [...] No deserto chileno, com 1,3 mil km² de área, a média é de 0,6 mm de chuva a cada 20 anos. Os desertos não são definidos pela umidade relativa do ar, e sim pela quantidade de chuva (MENDES; BRAGA, 1999, p.3)

Embora tenham sido identificadas algumas reportagens com esse cunho explicativo, observou-se que a maioria apresentou informações incorretas. No ano seguinte à publicação da reportagem citada no parágrafo anterior, os erros conceituais foram retomados. A matéria publicada no dia 6 de maio de 2000 constitui bom exemplo quando Rocha (2000, p.6) afirma:

A comparação com o clima de deserto, tão comum nessa época do ano, tem lá suas razões, a umidade relativa do ar nas regiões áridas da Terra costuma beirar 5%, o que, aparentemente, está próxima do recorde brasileiro de 11%. A história não é bem essa. É preciso levar em conta a quantidade de vapor no ar. Em um Saara, por exemplo, ela é bem menor. Por isso, o índice chama-se umidade relativa do ar. Em suma, 11% em Brasília é muito mais úmido do que o mesmo índice de 11% no deserto do Saara (ROCHA, 2000, p. 6).

Primeiramente, o autor afirma que comparar o Distrito Federal com um deserto é razoável; porém, logo depois, procura explicar que os índices de umidade relativa são diferentes nas duas regiões, o que confunde o leitor. Além disso, em nenhum momento, menciona o fato de uma região ser classificada como desértica em função da quantidade de precipitação que recebe e, não, da umidade relativa do ar e que a quantidade de vapor d'água existente no ar – umidade absoluta – depende de muitos outros elementos, além da chuva.

Os desertos são caracterizados por terras áridas e desabitadas, onde o fenômeno da vida é muito complexo. Constituem-se em ecossistemas com flora e fauna que cobrem pouco mais da quinta parte da superfície terrestre do planeta (MCKNIGHT; HESS, 2002, p.310). Os desertos são terras de extremos. Um deles é a brusca mudança de temperatura entre dias muito quentes e noites muito frias. Outro, refere-se à precipitação, praticamente ausente.

A seca é a característica principal de um deserto. São lugares áridos, independentemente de serem quentes ou frios, de apresentarem relevo plano ou acidentado, ou de serem recobertos por estruturas rochosas ou areia. A areia, certamente, está intimamente associada à idéia do deserto, mas cobre apenas 20% dos territórios classificados como tal (SCHENKEL; MATALLO JUNIOR, 2003, p.11). As plantas e os animais que vivem nos desertos são muito numerosos e têm uma característica comum: a habilidade de sobreviver com pouca água. Isso significa que possuem capacidade especial para encontrar e armazenar água e contam com mecanismos biológicos para evitar sua perda.

Por essa descrição, percebe-se que o Distrito Federal não se enquadra em característica alguma das apontadas como sendo desérticas. Mesmo o fato de os índices de umidade relativa do ar apresentarem-se baixos na época da estiagem não permite que a região seja comparada a desertos. Verificam-se, na verdade, picos de baixa umidade relativa do ar de, no máximo duas horas por dia, entre 15 h e 17 h, um valor extremo mínimo pontual, o que não significa que, em todos os dias, este índice será alcançado, nem mesmo em todos os anos. Dados anuais de umidade relativa do ar registrados na estação do Instituto Nacional de Meteorologia (INMET) entre 1969 a 2004, mostram que existe grande variação nos valores extremos mínimos e que, nem em todos os anos, estes valores são alcançados. Em 2000, por exemplo, o valor mínimo absoluto registrado no ano foi de 19%, em agosto; porém, nos dois anos anteriores, foram registrados valores de 12% e, no ano seguinte, 10%, no mesmo mês. Outro aspecto a ser considerado é o fato de que esses valores foram registrados pela Estação Brasília do INMET, ou seja, um registro pontual que não deve ser extrapolado para o Distrito Federal como um todo.

Contudo, observa-se que sempre que se trata do CLIMA do Distrito Federal são os registros do INMET aqueles assumidos como representativos de toda a Região. Raras são as oportunidades em que são divulgados dados das outras estações existentes para avaliação do comportamento do TEMPO e do CLIMA no Distrito Federal. As reportagens analisadas não fogem à regra. Os jornalistas utilizam somente os registros do INMET para a redação de qualquer nota ou matéria relacionada ao CLIMA do Distrito Federal. Em nenhuma das reportagens analisadas nesta pesquisa, foram encontrados comentários sobre registros de dados climáticos das outras Estações Meteorológicas em operação no Distrito Federal.

O fato de o INMET ter registrado valores mínimos extremos de umidade relativa do ar com maior frequência nos últimos anos tem levado a população a acreditar que o Distrito Federal está-se tornando cada vez mais seco. Na mesma reportagem em que foi publicado o *Dicionário do Tempo* (agosto de 2002), Faria (2002, p.7) afirmou que os próximos anos apresentariam tendência a períodos de seca mais rigorosos em função da ocupação da terra. No entanto, o autor não ofereceu ao leitor

explicação alguma para o termo rigoroso, ou seja, a matéria não especificou se o período de seca seria maior em duração ou se seria mais intenso, em termos de valores, ou ainda, ambos.

Steinke (2004, p.141) analisou dados de umidade relativa do ar da Estação do INMET, no período de 1965 a 2003, e concluiu, a partir de análise estatística, que não há tendência significativa de seca. As médias mensais das máximas e das mínimas comportaram-se diferentemente, não sendo possível afirmar que a Região está caminhando para se tornar cada vez mais seca. Meteorologistas do INMET afirmam ser difícil fazer previsões sobre o comportamento da umidade relativa do ar e observam que "o que se poderia supor como uma prova de que a Região está ficando mais seca não ocorre, por exemplo, em setembro, quando os níveis de umidade relativa aumentam progressivamente" (PAIXÃO, 2003, p.8).

O Informe Publicitário do Correio Braziliense sobre a seca no Distrito Federal (junho de 2003) publicou várias entrevistas realizadas com especialistas das áreas de meio ambiente, saúde e meteorologia. Entre elas, a de um assessor militar da Defesa Civil, o qual afirmou que a região do Distrito Federal estaria entrando em processo de desertificação. Um trecho da entrevista está transcrito a seguir:

Pelos nossos levantamentos, considerando o histórico da seca no DF nos últimos trinta anos, esse fenômeno se intensifica, piora a cada ano. **Estamos caminhando para um processo de desertificação que não deve ser minimizado** [grifo nosso]. Se compararmos apenas a umidade relativa do ar, o Distrito Federal é mais seco do que os desertos de Atacama e do Saara. E a tendência é piorar. (PAIXÃO, 2003, p.8).

Da mesma forma que não se deve comparar o clima do Distrito Federal com o clima dos desertos, é incorreto afirmar que a Região está entrando em processo de desertificação. Conforme a Convenção das Nações Unidas de Combate à Desertificação, o termo desertificação foi definido como sendo a degradação da terra nas zonas áridas, semi-áridas e subúmidas secas resultantes de fatores diversos, tais como as variações climáticas e as atividades humanas (SCHENKEL; MATALLO JUNIOR, 2003, p.10).

Este conceito foi discutido durante a Conferência da ONU, no Rio (RIO 92), e é, hoje, internacionalmente aceito. Seu conteúdo pode ser entendido em dois níveis: 1) No que diz respeito às variações climáticas, a seca é um fenômeno típico das regiões semi-áridas; 2) No que diz respeito às ações de degradação da terra induzidas pelo homem, deve-se entendê-la como tendo, pelo menos, cinco componentes, conforme propõe a Organização das Nações Unidas para a Agricultura e Alimentação (FAO): a) Degradação das populações animais e vegetais (degradação biótica ou perda da biodiversidade) de vastas áreas do semi-árido devido à caça e à extração de madeira; b) Degradação do solo, que pode ocorrer por efeito físico (erosão hídrica ou eólica e compactação causada pelo uso da mecanização pesada) ou por efeito químico (salinização); c) Degradação das condições hidrológicas de superfície devido à perda da cobertura vegetal; d) Degradação das condições hidrogeológicas (águas subterrâneas) devido a modificações nas condições de recarga dos aquíferos; e) Degradação da infra-estrutura econômica e da qualidade de vida dos assentamentos humanos.

Esta definição foi adotada pelo Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (PNUMA) para a definição de áreas susceptíveis à desertificação. Percebe-se, claramente, que as áreas susceptíveis são aquelas submetidas aos climas áridos (árido, semi-árido e subúmido seco), nos quais o Distrito Federal não se enquadra. Associada à degradação das zonas áridas, semi-áridas e subúmidas secas, está a pobre-

za, reconhecida em todo o mundo como um dos principais fatores relacionados ao processo de degradação da terra, que provoca perdas econômicas irreparáveis.

O Distrito Federal – mesmo apresentando problemas sérios de cunho ambiental e social – ainda não apresenta as características anteriormente descritas para que possa ser reconhecido como uma das regiões afetadas pela desertificação, constituindo, dessa forma, um erro afirmar que seu território é suscetível ao processo.

Observa-se, desse modo, que algumas reportagens analisadas têm caráter especulativo e pouco explicativo, apresentando pouco esclarecimento para a população com relação às características climáticas do Distrito Federal e à seca. Meyer (1987) *apud* Smith (1998, p.11) ressalta que, nesses casos, o que ocorre, freqüentemente, é que para maximizar a produtividade, os jornalistas tendem a entrevistar os especialistas mais disponíveis, em vez daqueles com maior conhecimento sobre o tema abordado. Se as fontes discordam, o jornalista, por tradição, apresenta todos os pontos de vista sem, contudo, auxiliar os leitores a determinarem qual deles possui maior mérito. Assim, se alguns especialistas afirmam que o Distrito Federal está ficando mais seco e outros discordam, o jornalista não se sente na obrigação de explicar como esses especialistas chegaram a suas conclusões, nem porque tais conclusões são conflitantes. Poucos são os jornalistas que se preocupam em desvendar as entrelinhas das entrevistas e que se sensibilizam para a crescente necessidade de superar o que Ottoboni (2004, p.2) chama de analfabetismo científico, ou seja, tomar como pauta um assunto altamente técnico e promover uma cobertura como algo do cotidiano, vulgar.

A análise das reportagens demonstrou que o jornalismo praticado em relação ao tema da pesquisa está mais preocupado em atribuir coloridos fantásticos às reportagens, beirando o espetáculo (OTTOBONI, 2004, p.3) tais como sugerem as seguintes manchetes: "Ao pó voltamos" e "Pior que isso só no Saara", que propriamente garantir, ao público, acesso à informação correta para a compreensão de todos os aspectos envolvidos com o tema seca, fato este que é lamentável, pois a mídia impressa exerce papel importantíssimo na formação do público, principalmente, dos estudantes. Isso acontece na medida em que possibilita levantamento de fatos históricos os quais – atrelados a indicadores meteorológicos e a registros da Defesa Civil e do Corpo de Bombeiros – se configuram como importantes geradores de informações que podem ser utilizadas para a compreensão do clima como fenômeno geográfico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Cada vez mais, assuntos relacionados ao clima estão presentes em pautas de redações, em grandes discussões mundiais e na orientação de sistemas socioeconômicos. A mídia impressa garante ao público acesso à informação para a compreensão dos aspectos técnicos, institucionais e sociais referentes ao tema.

Por meio da análise das matérias selecionadas, observou-se que, no Distrito Federal, a mídia impressa não tem desempenhado plenamente essa função, pelo menos com relação ao tema proposto por esta pesquisa. O fato climático investigado nesta pesquisa – a época de seca – é tratado pelos dois jornais analisados como algo do cotidiano pela maneira de se reportar o tema que, por natureza, é de grande complexidade. Com isso – ao contrário de se democratizar o conhecimento produzido e retido dentro dos centros de pesquisa e universidades – criam-se grandes distorções na divulgação e na difusão da informação. O jornalismo local perde, assim, a oportunidade de auxiliar na construção de segmentos sociais mais preparados para avaliar

temas do mundo atual, tais como, as possíveis mudanças climáticas e suas repercussões.

Deve-se, no entanto, salientar que existe uma associação que reúne jornalistas e cientistas envolvidos com a divulgação da ciência e da tecnologia, em busca de maior valorização do setor no Brasil. A Associação Brasileira de Jornalismo Científico (ABJC), que existe há mais de 25 anos, preocupa-se em promover a união do esforço de seus associados que acreditam no jornalismo científico como uma das maneiras de democratizar o conhecimento e a tecnologia.

Entre as atividades promovidas pela associação estão o Congresso Brasileiro de Jornalismo Científico; as atividades promovidas anualmente nos encontros da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC) e os debates promovidos em conjunto com o Sindicato de Jornalistas de São Paulo. A ABJC trabalha para contribuir com a instauração de uma cultura científica no Brasil, já que a preocupação atual da comunidade internacional de jornalistas científicos, incluindo os associados à ABJC, é o papel da ciência para o bem-estar social. Contudo, espera-se que o jornalista científico não assuma a simples posição de porta-voz pura e simples – acrítico – da fonte de informação escolhida e que esteja consciente da convergência de interesses extracientíficos na produção e na divulgação da ciência e tecnologia e saiba enxergar sempre além da notícia e da fonte. Desta forma, pode-se buscar fugir da armadilha de tornar-se refém de um único especialista e dos compromissos e interesses deste com relação ao assunto tratado, conforme alerta Bueno (1988, p.26). Embora pareça difícil identificar os vínculos das fontes, há que se imaginar que eles existem e que é relevante manter-se atento.

Com relação ao Distrito Federal, é intenção dos autores desta pesquisa seguir adiante na avaliação da contribuição dos meios de comunicação de massa para o esclarecimento da população em relação a outros temas relacionados ao clima, especificamente a chuva.

REFERÊNCIAS

- AMORIM, R. Seca. **Correio Brasiliense**, Brasília, 21 de abr. de 2005. 45. Brasília, p.6.
- AYOADE, J. O. **Introdução à Climatologia para os Trópicos**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1988, 332 p.
- BAUMGRATZ, D. Brasília, 12%. **Correio Braziliense**, Brasília, 16 de set. de 1998. Cidades, p.1.
- BONVAKIADES, N. De cabeça quente. **Correio Braziliense**, Brasília, 8 de set. de 1997. Cidades, p.1.
- BUENO, W. da C. **Jornalismo Científico no Brasil: aspectos teóricos e práticos**. São Paulo: CJE/ECA/USP, 1988.
- BURKETT, W. **Jornalismo Científico: como escrever sobre ciência, medicina e alta tecnologia para os meios de comunicação**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1990, 229 p.
- FARIA, T. A saúde da população paga um preço alto. **Correio Braziliense**, Brasília, 18 de ago. de 2002. Cidades, Tema do Dia, p.7.
- JORNAL DE BRASÍLIA. Temperatura de 32,4°C é a maior registrada este ano. **Jornal de Brasília**, Brasília, 25 de set. de 2004. Cidades, p.8.

- LIMA, C. Pior que isso só no Saara. **Correio Braziliense**, Brasília, 1 de set. de 1999. Cidades, p.3.
- McKNIGHT, T. L.; HESS, D. **Physical geography: a landscape appreciation**. New Jersey: Prentice Hall, 2002, 629 p.
- MENDES, R.; BRAGA, T. A cidade não é o fim do mundo. **Correio Braziliense**, Brasília, 2 de set. de 1999. Cidades, p.3.
- DEPARTAMENTO NACIONAL DE METEOROLOGIA (DNMET). **Normais Climatológicas (1961 – 1990)**. Brasília: DNMET, 1992.
- OTTOBONI, J. **Jornalista categoria Fujita 5**. Notícias, maio 2004. Disponível em <<http://www.cptec.inpe.br>> Acesso em: 8 set. 2004.
- PAIXÃO, A. H. Que nem deserto. **Correio Braziliense**, Brasília, 15 de jun. de 2003. Informe Publicitário, p.8.
- ROCHA, M. Tempo seco. **Correio Braziliense**, Brasília, 6 de maio de 2000. Cidades, p.1.
- SCHENKEL, C. S; MATALLO JUNIOR, H. (Org.) **Desertificação**. Brasília: UNESCO, 2003, 51 p.
- SMITH, C. Responsible journalism, environmental advocacy, and the great apple scare of 1989. **Journal of environmental education**, Washington, DC, v. 29, n. 4, p.31 – 38. 1998.
- SOUSA, C. M de; SILVEIRA, T. S. Como a mídia impressa paulista divulga ciência e tecnologia. **Ciências Humanas**, v.7, n. 2, 2001. Disponível em <http://www.unitau.br/prpp/publica/humanas> Acesso em: 3 ago. 2004.
- SOUZA, C. G de; SANT´ANNA NETO, J. L. A imprensa como fonte de análise da adversidade climática. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE GEÓGRAFOS, 6, 2003, Goiânia. **Anais...** Goiânia: AGB/UFG, 2004. 1 CD-ROM.
- STEINKE, E. T.; STEINKE, V. A. fatores determinantes do período da seca no Distrito Federal. **Boletim Gaúcho de Geografia**, Porto Alegre, v. 26, p.244 – 254, 2000.
- STEINKE, E. T. **Considerações sobre a variabilidade e mudança climática no Distrito Federal, suas repercussões nos recursos hídricos e informação ao grande público**. Brasília, 2004, 196 f. Tese (Doutorado em Ecologia). Instituto de Ciências Biológicas, Departamento de Ecologia, Universidade de Brasília.
- TRIGUEIRO, A. **O meio ambiente no século 21**. Rio de Janeiro: Sextante, 2003, 367 p.
- VIANELLO, R.L.; ALVES, A. R. **Meteorologia básica e aplicações**. Viçosa: Imprensa Universitária. 1991, 449 p.

Recebido em dezembro de 2005

Aceito em janeiro de 2006